

Os jornais como tribuna feminina (e feminista) na América Latina do Século XIX

Los periódicos como tribuna femenina (y feminista) en América Latina en el siglo XIX

Gabriela Willig¹
Jorgelina Ivana Tallei²

Resumo: O artigo analisa a formação da imprensa feminina na América Latina do século XIX. A partir de casos no Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Peru e Paraguai, observa-se como mulheres se apropriaram dos jornais como espaços de intervenção cultural, criando novas formas de expressão e redes de diálogo. Mesmo marcadas por limitações, essas experiências evidenciam práticas feministas antes mesmo da consolidação do feminismo como movimento social na região. O trabalho adota uma abordagem comparativa e interdisciplinar, articulando história da imprensa, estudos literários e teorias feministas. Conclui-se que esses periódicos representam marcos fundamentais para compreender a participação feminina na produção literária e nos debates públicos oitocentistas.

Palavras-chave: imprensa feminina; América Latina; século XIX; práticas feministas.

Resumen: El artículo analiza la formación de la prensa femenina en América Latina en el siglo XIX. A partir de casos en Brasil, Argentina, Chile, Colombia, Perú y Paraguay, se observa cómo las mujeres se apropiaron de los periódicos como espacios de intervención cultural, creando nuevas formas de expresión y redes de diálogo. Aunque marcadas por limitaciones, estas experiencias evidencian prácticas feministas incluso antes de la consolidación del feminismo como movimiento social en la región. El trabajo adopta un enfoque comparativo e interdisciplinario, articulando historia de la prensa, estudios literarios y teorías feministas. Se concluye que estos periódicos representan hitos fundamentales para comprender la participación femenina en la producción literaria y en los debates públicos decimonónicos.

Palabras clave: prensa femenina; América Latina; siglo XIX; prácticas feministas.

Introdução

No século XIX, em grande parte da América Latina, a imprensa consolidou-se como um importante espaço de circulação de ideias e de debates políticos. O avanço técnico das prensas e a ampliação das redes de transporte e correio aceleraram a produção e distribuição de periódicos, enquanto o crescimento — ainda restrito às elites — da alfabetização criou um público leitor disposto a participar das discussões públicas.

De acordo com Dulcília Schroeder Buitoni (2009), o século XIX também foi o “século da imprensa artesanal”, caracterizado pela presença da “pequena imprensa

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6112635199908149>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9445-1386>. E-mail: gabriela.w@unila.edu.br

² Professora adjunta na área de Letras e Linguística na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); Doutora em Educação (UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1863700309171897>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8486-0881>. E-mail: jorgelina.tallei@unila.edu.br

combativa, feita mais de ideias e polêmicas do que de informações". Aliás, seguindo a tendência mundial, a imprensa na América Latina "começou muito mais opinativa do que informativa" (Buitoni, 2009, p. 46).

Foi nesse período que surgiram os primeiros exemplares da imprensa feminina, definida por Claudia Montero como "periódicos ou revistas de diferentes tipos, temas e orientações feitos por mulheres e que refletem sobre o lugar delas na sociedade" (Montero, 2019, p. 245, tradução nossa). Buitoni coloca que, por essência, a imprensa feminina se caracteriza pelo sexo de suas leitoras. "Imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza" (Buitoni, 1990, p. 7).

Na pesquisa que resultou no "Dicionário Ilustrado Imprensa feminina e feminista no Brasil: Volume I: Século XIX" (2023), Constância Lima Duarte identificou 143 jornais voltados para públicos femininos, que circularam em todas as regiões do Brasil no século XIX. A autora, no entanto, acredita que muitos outros tenham existido e se perdido pela falta de conservação. Os primeiros exemplares, porém, foram lançados por "homens da imprensa, atentos às novidades e às mudanças dos costumes" (Duarte, 2023, p. 20)³.

Para as mulheres do século XIX, a imprensa era um território cercado de restrições, limitado pelas normas sociais que cerceavam sua participação efetiva nos espaços públicos. Ainda assim, alguns jornais do século XIX revelam a presença ativa — e, por vezes, incômoda — de mulheres publicando, editando ou dirigindo. Esses periódicos funcionaram como espaços para que diversas letradas pudessem tornar visíveis suas ideias, reflexões e críticas, criando redes de leitura e diálogo.

Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independentemente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados [...] Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência. (Duarte, 2023, p. 14)

³ O primeiro título de jornal voltado para o público feminino conhecido no Brasil foi "O Espelho Diamantino, Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Moda, Dedicado às Senhoras Brasileiras" fundado pelo francês Pierre Plancher, no Rio de Janeiro, em 1827 (Duarte, 2023, p. 20).

Ao ocupar esse lugar, as autoras não apenas se adaptaram às condições impostas pelo jornalismo da época, mas souberam transformá-las em estratégias de intervenção cultural e política. Como aponta Montero, “as escritoras se adaptaram rapidamente às possibilidades e regras desse espaço. Mais ainda, [...] souberam administrá-lo ou, para ficar mais claro, manejaram suas características para se afirmar como mulheres com voz e opinião” (2019, p. 245, tradução nossa). Ou seja, mesmo dentro de limites patriarcais, as escritoras encontraram brechas para afirmar sua presença e construir discursos críticos, instaurando novas formas de participação intelectual e social.

Os primórdios da imprensa feminina no Brasil

No Brasil, a primeira vez que uma mulher assumiu a direção de um periódico, exibindo seu nome junto ao título, foi no jornal “Belona Irada contra os Sectários do Momo”, de propriedade da educadora, poetisa e jornalista Maria Josefa Barreto (1775-1837) “uma surpreendente mulher, raramente mencionada pelos estudiosos” (Muzart, 2003, p. 228). O jornal, que circulava em Porto Alegre (RS), tinha objetivos essencialmente políticos e conservadores. Maria Josefa era “defensora do Partido Caramuru contra os Farrapos, que aspiravam um governo liberal e republicano” (Duarte, 2023, p. 68). Por ser distribuído em uma região fora do eixo político-cultural do Brasil no século XIX, o “Belona”, como é conhecido, não teve repercussão nacional.

Temos de pensar que era um periódico fundado na província, com objetivos essencialmente políticos e que, nessa época, o que se passava nesse fim de mundo da Província de São Pedro realmente ali ficava confinado. [...] Creio que Maria Josefa pode ser considerada, pioneira que foi, como feminista e fundadora do primeiro jornal dirigido por uma mulher. E um jornal que provavelmente não trazia nem bordados, nem culinária, nem boas maneiras. (Muzart, 2003, p. 230)

Em 1852, foi lançado no Rio de Janeiro aquele que se tornou conhecido como o fundador da imprensa feminista, o “Jornal das Senhoras – Modas, Literatura, Bellas Artes, Theatros e Crítica”, dirigido pela argentina Juana Paula Manso, educadora, jornalista e escritora que atuou, no Brasil e na Argentina, defendendo a educação feminina como eixo de transformação social. O periódico se diferenciou das demais publicações

femininas da época por seu “discurso emancipacionista, incentivando as mulheres a buscarem instrução e se conscientizarem de seu valor” (Duarte, 2023, p. 118).

Podemos afirmar que o “Jornal das Senhoras” inaugurou uma nova fase da imprensa feminina. O objetivo não era mais apenas distrair a mulher que ficava em casa, mas questionar a ausência da mulher na educação formal e nos espaços de trabalho e dar a ela condições de se desenvolver intelectualmente. O artigo “Emancipação moral da mulher”, assinado por Juana Manso, resume parte dessa proposta.

Sem dúvida que há deveres naturais que prendem a mulher ao lar doméstico, porém é precisamente desde o seio da sua família que ela pode ter uma influência direta sobre essa mesma família, sobre a nação e sobre a humanidade inteira. Perguntar-me-eis: Como? Pois a mulher pode ter outra influência que não seja sobre as panelas? Outra missão além das costuras? Outro porvir que não seja o rol da roupa suja? [...] Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher: Porque lutaremos sempre em demonstrar que ela não é inferior ao homem em inteligência, e porque pugnamos sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida. (O Jornal das Senhoras, ano I, n.2, 11 de janeiro de 1852, p.14).

Juana Paula Manso esteve na direção do Jornal das Senhoras até julho de 1852. Nesse período, a publicação abriu uma janela de expressão para várias mulheres letradas, veiculando ensaios, poesias, crônicas e cartas de autoria de outras mulheres, a maioria assinada com pseudônimos. O periódico foi, portanto, o primeiro jornal brasileiro conduzido por mulheres, já que reuniu autoria, edição, direção e propriedade femininas.

Mapeando experiências latino-americanas

Se ampliarmos o olhar para além das fronteiras brasileiras, veremos a presença de vários jornais e revistas encabeçados por mulheres em países latino-americanos. Isso nos faz pensar que, mesmo com as limitações impostas para a presença feminina, não se tratava de iniciativas isoladas, encabeçadas por algumas mulheres que ousaram ir contra o sistema vigente. Trata-se de um movimento coletivo que colaborou para uma nova configuração cultural da Região, na qual a escrita de mulheres passou a integrar, ainda que timidamente, os circuitos de produção e circulação de ideias, contribuindo para reconfigurar as práticas letradas e os horizontes discursivos na América Latina oitocentista.

Embora outros países não tenham (ou não tenhamos encontrado) dicionários ilustrados que reúnam a produção de imprensa feminina dividido por período, a exemplo do trabalho realizado por Constância Lima Duarte (2023) no Brasil, há várias pesquisadoras e pesquisadores que vêm mapeando e analisando os periódicos de autoria feminina em seus países. Esses trabalhos nos permitem ampliar o conhecimento sobre a inserção feminina na cultura letrada latino-americana.

Na Argentina, há registro de jornais dirigidos por mulheres desde 1830, como o *La Aljaba* e o *La Argentina*, embora, segundo Graciela Batticuore, esses tenham circulado de forma anônima (2022, p. 160). Mesmo tendo uma explícita preocupação pela educação feminina, esses primeiros periódicos defendiam que essa educação deveria ser norteadas por princípios morais e religiosos.

Nos últimos anos da década de 1830 e na década de 1840, o governo de Juan Manuel de Rosas restringiu a atividade da imprensa na Argentina. Por isso, o próximo jornal feminino que se tem registro é o *La Camelia*, inaugurado dois meses depois do fim do regime de Rosas, em outubro de 1852.

La Camelia propõe realizar aquilo que suas próprias redatoras consideram uma empresa temerária: 'Lançar-se como escritoras em um povo tão ilustrado, e num momento em que tantas capacidades dedicam suas penas à redação de periódicos'. [...] As escritoras são muitas, embora assinem com pseudônimo e se dirijam ao público sob a forma de um coletivo 'nós', com o qual pareceriam buscar conter os ataques de seus colegas ou as reticências do público. (Batticuore, 2022, p. 168, tradução nossa).

Cabe destacar que Juana Paula Manso também fundou, em Buenos Aires, um jornal voltado para o público feminino: o "*Álbum de Señoritas – Literatura, Modas, Bellas Artes, Teatro*", em 1854. A proposta editorial era semelhante ao periódico fundado anteriormente no Rio de Janeiro: contribuir para a formação crítica e a transformação social de suas conterrâneas.

Juana Paula Manso de Noronha ousa expor seu nome completo à frente do semanário, sendo ela, além disso, a única que cobre quase todas as colunas jornalísticas e aborda quase todos os gêneros literários com textos de sua autoria. Artigos sobre 'Emancipação moral da mulher', crônicas, anedotas, notas sobre 'Organização das escolas', lições de filosofia para a 'Ilustração da mulher' ou dissertações sobre 'Educação popular', além de alguns relatos de viagem e, de vez em quando, poesia

ou também o romance-folhetim intitulado *A família do Comendador*. (Batticuore, 2022, p. 177, tradução nossa).

Já no Chile, os primeiros registros de imprensa feminina datam de 1865. Como observa Claudia Montero (2009, p. 248), tratava-se de uma produção realizada por mulheres que se assumiam como sujeitos sociais e buscavam expressar suas opiniões no espaço público. Nesse cenário, destaca-se o periódico “*Eco de las Señoras de Santiago*” (1865), produzido por um grupo anônimo de mulheres católicas e conservadoras. A publicação tinha caráter político e se posicionava contra as reformas de laicização do Estado. Como sintetiza Montero, “esse tom revela mulheres que falavam a partir de um lugar de segurança dado por sua classe social e pela superioridade moral que sentiam ao defender ideias que supunham fazer parte da estabilidade da nação” (2009, p. 248, tradução nossa).

A experiência chilena mostra que a imprensa feminina latino-americana não se limitava a discursos progressistas ou à defesa explícita da emancipação feminina. Pelo contrário, abarcava diferentes agendas políticas e culturais, refletindo a pluralidade de projetos das mulheres letradas da época.

Avançando para a Colômbia o jornalismo feminino também começou a se desenvolver a partir da década 1860. Segundo Vidales, nesse período “multiplicaram-se as publicações dirigidas às mulheres. Mais da metade delas foram fundadas e redigidas por homens, e as demais realizadas integralmente por mulheres” (2022, p. 80, tradução nossa). Ainda que sob tutela masculina, esses jornais abriram espaço para colaboradoras, muitas vezes sob pseudônimos. Um exemplo notável é Soledad Acosta de Samper, que assinava como “Andina” e “Aldebarán” (Vidales, 2022, p. 81).

Vidales ressalta que as mulheres não foram meras receptoras desse processo. “Elas trouxeram iniciativas, rebeldia, exigências e uma intensa atividade. Foram protagonistas dos conflitos sociais e políticos, atuantes e criadoras das transformações ocorridas na sociedade colombiana” (2022, p. 83, tradução nossa). Esse protagonismo se manifestou especialmente em figuras como Soledad Acosta, que chegou a dirigir revistas próprias (*La Mujer*, *La Familia*, *Lecturas para el Hogar*, *El Domingo*), e em escritoras como Agripina Montes del Valle e Mercedes Flórez, que conquistaram reconhecimento no cenário literário.

A emergência da imprensa feminina no Peru se deu de forma expressiva a partir da década de 1870, com publicações que buscavam oferecer voz às mulheres no espaço

público e literário. Segundo Vidarte (2022) um dos primeiros periódicos foi “*El Álbum*”, que circulou pela primeira vez em 23 de maio de 1874 sob a direção de Carolina Freire de Jaimes e Juana Manuela Gorriti.

A revista já em seu primeiro número assumiu um tom de reivindicação, defendendo “os direitos de igualdade de condições com os homens, deixando de lado os preconceitos sociais” (Vidarte, 2022, p. 29, tradução nossa). “*El Álbum*” também questionava os papéis tradicionais atribuídos às mulheres pela sociedade patriarcal e as apresentava como protagonistas de um futuro civilizatório: “a mulher será o poderoso motor para o progresso da civilização e do mundo” (*Influencia de la mujer en la civilización*, 1870, *apud* Vidarte, 2022, p. 29, tradução nossa).

Ainda em 1874, surgiu o semanário “*La Alborada*” que, em um contexto em que mulheres raramente assumem papéis de empresárias, contou com uma mulher se responsabilizando tanto pelos custos quanto pelo funcionamento da tipografia. O periódico congregou parte importante da intelectualidade feminina peruana e, com a chegada de Juana Manuela Gorriti, transformou-se em espaço de ressonância das *Veladas Literarias*, encontros culturais liderados pela escritora. Nesses espaços, diversas intelectuais puderam expor suas opiniões sobre política, religião e filosofia, expandindo os limites da participação feminina na esfera pública (Vidarte, 2022, p. 30).

A presença de Juana Manuela Gorriti merece destaque nesse processo. Escritora argentina de ampla circulação no espaço latino-americano, Gorriti teve trajetória marcada pela produção literária e jornalística, pela organização de encontros culturais - como as já mencionadas *Veladas Literarias*, em Lima - e pela defesa da educação feminina. Sua atuação no Peru consolidou-a como uma das principais mediadoras culturais do século XIX, criando pontes entre escritoras e intelectuais de diferentes países e fortalecendo a inserção das mulheres no espaço público de debates. Há indícios, inclusive, de que Juana Manuela Gorriti e Juana Paula Manso se conheciam, pois foram contemporâneas e pertenciam ao mesmo círculo de relações (Lobo, 2009, p. 50).

A imprensa feminina também era realidade em Cusco, onde foi fundado “*El Recreo*”, em 1876, por iniciativa de Clorinda Matto de Turner, outra figura central da literatura e do jornalismo femininos no Peru. O semanário nasceu com a proposta de “oferecer um jornalismo alternativo aberto aos interesses sociais” (Ortiz, 2018, p. 106, tradução nossa). Desde o primeiro número, “*El Recreo*” se apresentava como uma imprensa alternativa aberta à criação literária — principalmente *cuzqueña*, mas também

nacional — e como uma tribuna para as mulheres que escreviam, ao mesmo tempo em que defendia a educação feminina e o progresso social coletivo. Ortiz (2018, p. 107) observa que o periódico reunia perspectivas diversas. Algumas seções reproduziam visões conservadoras e estereótipos de gênero, mas autoras como Trinidad Enríquez, Juana Manuela Gorriti, Mercedes Cabello e Clorinda Matto de Turner lutavam para afirmar um discurso crítico, ainda que em clara minoria.

Encerramos nosso recorrido pela imprensa feminina latino-americana com um exemplo que vem do Paraguai que, embora não seja do século XIX, optamos por incluí-lo por entender a importância de olhar para os países vizinhos, especialmente os que fazem parte da região trinacional entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Em 1902 foi fundado, na cidade de Concepción, o jornal “*La Voz del Siglo*”, a primeira publicação paraguaia dirigida por uma mulher. Sua proprietária, a jornalista e escritora Ramona Ferreira, permanece uma figura enigmática e pouco estudada. Clyte Soto a define como “a mais esquecida de nossas precursoras”, já que há apenas breves menções sobre sua trajetória, mas nenhum estudo sistemático que recupere sua biografia ou sua obra (Soto, 1993, p. 413, tradução nossa).

Mesmo assim, a atuação de Ramona Ferreira foi marcante. Ao fundar um jornal livre-pensador em plena virada do século, Ferreira enfrentou resistências profundas em um ambiente dominado pelo poder clerical e político. Soto lembra que, ainda que “*La Voz del Siglo*” tenha encontrado eco na época, nos anos seguintes “não ficou nenhum vestígio de lembrança”, revelando o apagamento de sua memória nos circuitos posteriores da imprensa feminina (1993, p. 414, tradução nossa).

Os conflitos vividos por Ramona Ferreira em torno de seu jornal mostram a relevância de sua intervenção pública. José Carlos Rodríguez (1993) relata que, em outubro de 1902, o local de impressão de “*La Voz del Siglo*” foi atacado. A polícia não interveio, e a responsabilidade do ataque foi atribuída aos padres salesianos, indignados com a linha crítica do jornal contra o poder clerical (Rodríguez, 1993, p. 417).

No pensamento de *La Voz del Siglo* há motivos para irritar o clero. Pedese que as pessoas não frequentem a Igreja, isso [...] dirige-se às mulheres, porque os homens da sociedade não iam: “Quantas vezes te disse, minha menina, não frequentes mais a igreja, porque de lá se sai queimado de muitas e tantas maneiras!”. Defende-se o divórcio absoluto, “bem da civilização e do progresso”. O jornal denuncia a dominação clerical da consciência como continuação da Inquisição e de suas torturas. Reivindica o heroísmo das vítimas da Inquisição, como Giordano

Bruno, Campanelli, Savonarola e Galileo Galilei. (Rodríguez, 1993, p. 421, tradução nossa).

Os ataques se intensificaram em 1904, quando o jornal foi definitivamente fechado após um assalto armado. Para Rodríguez, esse episódio revela como “foi uma mulher quem fez o clérigo perder a paciência” (1993, p. 418, tradução nossa), demonstrando o peso simbólico de uma voz feminina que desafiava não apenas a ordem religiosa, mas também a ordem social vigente. A trajetória de Ramona Ferreira ilustra o quanto a presença feminina na imprensa latino-americana esteve sujeita a riscos concretos. Seu “fracasso”, como aponta Rodríguez, “alimenta seu mito entre as herdeiras e os herdeiros de sua causa” (1993, p. 424, tradução nossa).

Durante a breve pesquisa de jornais femininos latino-americanos, não foram encontrados artigos ou trabalhos que abordassem periódicos dos países da América Central. Mas isso não significa que eles não existiram. Para a francesa Evelyne Sullerot, grande estudiosa do fenômeno da imprensa feminina, “a história global da imprensa destinada às mulheres ainda está por fazer” (Sullerot *apud* Buitoni, 2009, p. 29). E debruçar-se sobre essa temática pode lançar um novo olhar sobre a vida social no século XIX.

A história desta imprensa é apaixonante porque nela lemos a história dos costumes: não a “pequena história” feita de anedotas sobre os grandes deste mundo, mas um reflexo significativo da vida cotidiana, da economia doméstica das relações sociais, das mentalidades, das morais e dos esnobismos apaixonados, no seu monótono frenesi de novidade. (Sullerot, 1963, *apud* Buitoni, 2009, p. 29)

Feminismo: As práticas antes do conceito

Os exemplos da imprensa feminina latino-americana no século XIX permitem perceber que, muito antes do feminismo se consolidar como conceito⁴ ou movimento social, já se delineavam práticas que tensionavam a ordem patriarcal. A escrita de mulheres em jornais, ao reivindicar participação pública e reconhecimento intelectual, materializam formas de contestação que, mesmo não nomeadas como “feministas” em seu tempo, podem ser reconhecidas como tais. Essa experiência nos conduz ao próximo

⁴ O termo feminismo teria sido cunhado pelo filósofo francês Charles Fourier (1772-1837) e passou a ser difundido no final do século XIX (Muzart *apud* SOUTO, 2024, p. 68).

passo deste trabalho: refletir sobre como compreender o feminismo a partir da noção de práticas que antecedem o próprio conceito.

Como lembra Bárbara Souto, em consonância com Zahidé Muzart, “como prática, o feminismo preexiste ao emprego da palavra com que é designado” (Muzart, 1999 *apud* Souto, 2024, p. 68). Esta compreensão encontra eco na definição de Constância Lima Duarte para quem “o ‘feminismo’ poderia ser compreendido, em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos” (Duarte, 2003, p. 152).

Se levarmos em consideração que esses gestos ou ações podem acontecer em qualquer momento histórico e em qualquer espaço geográfico, essa visão afasta a ideia de que o pensamento e a prática feminista teriam surgido na primeira metade do século XX, com a consolidação de movimentos sociais. Além disso, questiona o modelo de Ondas, a forma pela qual se costuma apresentar a história das lutas sociais das mulheres nas narrativas históricas convencionais.

Como observa Joana Maria Pedro (2011 *apud* Souto, 2024, p. 70), o modelo de Ondas tende a desconsiderar as múltiplas origens e a circulação das ideias em contextos fora da Europa e dos Estados Unidos.

Pensar o feminismo a partir de Ondas reforça a ideia da existência de centros irradiadores e suas margens; é como se uma pedra tivesse sido atirada na água, formando várias ondas. Elas vão se abrindo e apontando para a circulação de discursos e teorias que partem de um centro produtor – em geral, países considerados desenvolvidos do hemisfério Norte – e se dirigem para o hemisfério Sul, localização principal dos países considerados subdesenvolvidos. (PEDRO, 2011 *apud* SOUTO, 2024, p. 70)

Ampliar o conceito de feminismo para além da cronologia proposta nas narrativas tradicionais, nos ajuda a olhar com mais atenção às vivências de mulheres latino-americanas, que são atravessadas por questões políticas, culturais, étnicas e linguísticas muito particulares. E também reconhecer que os movimentos feministas e suas pautas não são universais, nem mesmo dentro da própria América Latina. “Esta periodização não pode ser aplicada da mesma forma a todas as Américas, incluindo as áreas insulares do Caribe, nem tampouco em paralelo às cronologias europeia e estadunidense” (Femenías, 2009, p. 47, tradução nossa).

Para orientar essa análise, recorro brevemente a algumas perspectivas formuladas por teóricas feministas, que ajudam a compreender a circulação de ideias em contextos próprios, atravessados por relações históricas de poder. Nessa dinâmica, as desigualdades que o feminismo enfrenta não se limitam à exclusão de mulheres de certos espaços. São desigualdades que estão enraizadas em estruturas que produzem e reproduzem um padrão dominante de relações de gênero.

Para Heleieth Saffioti, “os sujeitos históricos têm suas relações reguladas pelo gênero, conjunto de representações absolutamente central na sociedade” (2003, p. 55). Com base em Teresa de Lauretis, Saffioti ressalta que o gênero - que para Lauretis diz apenas respeito às categorias masculino e feminino - normatiza as relações sociais. A força da mudança social está presente “seja através de um sujeito que, sendo moldado pelo gênero, é ao mesmo tempo capaz de tomar distância em relação a ele, seja pela capacidade desestabilizadora da desconstrução” (Saffioti, 2003, p. 55).

Essa leitura dialoga com Judith Butler, para quem “o gênero não denota um ser substantivo, mas um relativo ponto de convergência entre configurações de relações, cultural e historicamente específicas” (1990 *apud* Saffioti, 2003, p. 55). Saffioti também afasta a noção humanista do gênero como atributo fixo de uma pessoa, concebendo-o a partir de “uma concepção relacional, na qual tanto a pessoa quanto o gênero são frutos de um contexto histórico que os constrói” (2003, p. 55).

Nessa perspectiva que vê o gênero como uma construção histórica e social inscrita em uma lógica relacional, o foco recai sobre o padrão dominante das relações de gênero que sustenta e reproduz a desigualdade. E a produção e manutenção desse padrão ocorre, segundo Saffioti, por meio das chamadas “tecnologias de gênero”.

A modelagem de homens e mulheres como seres diferentes faz-se através de “tecnologias de gênero”, terminologia que Lauretis (1987) toma de empréstimo de Foucault (1976, ‘tecnologias de sexo’) e que designa discursos hegemônicos, cinema, posturas epistemológicas, críticas, enfim, “práticas sociais e culturais” (Lauretis, p. ix). [...] Tecnologias de gênero seriam desenvolvidas pelos aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1976) aos quais pesa-se ser necessário agregar explicitamente os aparelhos ideológicos privados. Obviamente, de forma implícita, estes estão compreendidos nos primeiros, já que as determinações do Estado alcançam os mais ocultos espaços da vida privada. (Saffioti, 2003, p. 54)

Compreender o gênero como parte de uma relação historicamente situada e produzida por tecnologias que moldam e normatizam as relações sociais, permite lançar um novo olhar para a atuação das mulheres na imprensa do século XIX. Inseridas em um contexto em que o padrão dominante restringe sua formação e sua participação plena na sociedade, essas autoras utilizaram a literatura e o jornalismo como espaço estratégico de intervenção. Seus escritos contestavam as representações hegemônicas de gênero e construíam contra-narrativas. Nesse sentido, essas autoras devem ser reconhecidas como feministas, pela prática de enfrentamento e pela tentativa de deslocamento das fronteiras que delimitavam o lugar da mulher.

Esse reconhecimento é fundamental para resgatar os primórdios da luta e o percurso das mulheres “que se expuseram à incompreensão e à crítica como nossas primeiras e legítimas feministas” (Duarte, 2003, p. 152). Na literatura, exemplos significativos dessa prática podem ser observados nas trajetórias de várias das mulheres que já citamos aqui, como Maria Josefa Barreto, Juana Paula Manso, Juana Manuela Gorriti, Clorinda Matto de Turner e tantas outras. Todas, ainda que não nomeassem suas ações como feministas, sustentaram práticas concretas de contestação e inauguraram novos espaços de participação para as mulheres.

Porém, mesmo concebendo essas mulheres como pioneiras feministas, é necessário fazer a ressalva de que a visão que elas tinham da participação das mulheres na sociedade era parcial e restrita, sobretudo quando observada a partir dos parâmetros contemporâneos. Afinal, eram mulheres das classes mais abastadas - as únicas que tinham acesso à alfabetização no século XIX - com reivindicações voltadas para outras mulheres das classes mais abastadas. A agenda girou em torno de direitos como “educação, administração da herança e do patrimônio, igualdade no trabalho [...] e a denúncia da ‘dupla moral’ ou ‘moral hipócrita’ que legitimava os direitos consuetudinários dos homens, entre outros” (Femenías, 2009, p. 47, tradução nossa). Questões relacionadas, por exemplo, à realidade de mulheres pobres, imigrantes, indígenas ou escravizadas não eram abordadas, com apenas algumas raras e pontuais exceções⁵.

⁵ Entre essas exceções, podemos citar o texto “*Emancipación moral de la mujer*” de Juana Manso, em que ela fala do exemplo da Inglaterra “*que ha hecho a la humanidad el relevante servicio de extirpar el comercio de la carne humana, suprimiendo el tráfico de la esclavatura*” (Álbum de Señoritas, n. 1, 01 jan. 1854, p. 2-4). Outro exemplo é o jornal *Ave Libertas*, periódico abolicionista criado por um grupo de senhoras do Recife em 1884 (DUARTE, 2023, p. 283).

No século XIX, a compreensão das questões de gênero era fortemente moldada pela perspectiva biológica, que encontravam respaldo no Catolicismo e em algumas correntes científicas. Nessa concepção, “dos sexos biológicos (macho/fêmea) decorreram os gêneros (masculino/feminino) e seus papéis, numa relação de complementaridade” (Tilio, 2014, p. 129). Essa matriz de pensamento sustentava a ideia de papéis sociais fixos e complementares, definidos pelas diferenças biológicas. “Em suma, as mulheres seriam mães por excelência, portadoras de um instinto materno, enquanto os homens seriam viris e proativos por natureza, incumbidos de sustentar o lar” (Tilio, 2014, p. 128). Essa visão não apenas legitimava as desigualdades de gênero, mas também delimita os horizontes de demandas das próprias mulheres, restringindo o alcance de suas propostas de transformação social.

Mesmo com limitações sob o olhar atual, a atuação das mulheres na imprensa foi marcante para o século XIX. Elas desafiaram papéis rígidos, causaram impacto e abriram espaços para outras mulheres se desenvolverem na literatura e no jornalismo em anos posteriores.

Considerações finais

O percurso desenvolvido ao longo deste artigo permitiu traçar um panorama do surgimento da imprensa feminina na América Latina do século XIX, ressaltando os primeiros periódicos dirigidos ou escritos por mulheres e a maneira como tais iniciativas se consolidaram como espaços de circulação de ideias e de intervenção cultural. Ao analisar casos do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Peru e Paraguai, observou-se que, apesar das diferenças, esses periódicos abriram brechas significativas para a expressão feminina e a inserção de mulheres no debate público.

A escolha por reunir diferentes experiências latino-americanas amplia a compreensão sobre a imprensa feminina como fenômeno continental, evidenciando tanto sua diversidade quanto os elementos de convergência. Essa opção reforça a concepção do estudo de que não se trata de iniciativas isoladas, mas de um movimento mais amplo de participação das mulheres na cultura letrada, anterior à consolidação do feminismo como conceito ou movimento organizado.

A pesquisa também evidenciou a necessidade de um olhar crítico sobre as fontes, uma vez que muitos periódicos desapareceram por falta de conservação ou foram pouco

registrados pela crítica literária tradicional. Isso reforça o papel da pesquisa em recuperar vozes silenciadas e construir novas narrativas sobre a presença das mulheres na história intelectual latino-americana.

Como desdobramento, abrem-se novas possibilidades de investigação: aprofundar o estudo de periódicos; analisar os textos das mulheres letradas do século XIX; mapear experiências em países da América Central e Caribe; ou mesmo comparar a recepção desses jornais entre as leitoras. Além disso, permanece a questão sobre como inserir de maneira mais sistemática as práticas feministas do século XIX em debates contemporâneos, superando modelos eurocêntricos e de “ondas” que muitas vezes excluem experiências locais.

Longe de encerrar um assunto tão amplo e complexo, este artigo buscou recuperar a trajetória de mulheres pioneiras na imprensa, ampliando os horizontes de análise e abrindo caminhos para pesquisas futuras que deem continuidade a esse processo de resgate e reinterpretação.

REFERÊNCIAS

- BATTICUORE, Graciela. *La mujer romántica: lectoras, autoras y escritores en la Argentina: 1830-1870*. Buenos Aires: Sudamericana, 2022.
- BITTONI, Dulcília S. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- BITTONI, Dulcília S. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- DUARTE, Constância L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: dicionário ilustrado: Volume I: Século XIX*. São Paulo, Autêntica, 2023.
- DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- FEMENÍAS, María Luisa. Género y feminismo en América Latina. *Debate Feminista*, UNAM (México) v. 40, 2009. Disponível em: https://debatefeminista.cieg.unam.mx/index.php/debate_feminista/article/view/1438. Acesso em: 03 ago. 2025.
- ORTIZ FERNANDEZ, Carolina. El Recreo, tribuna pública de mujeres pioneras en la educación y el periodismo en el Perú del siglo XIX. *Letras*, Lima, v. 89, n. 130, p. 100-122, jul. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2071-50722018000200005&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 7 ag. 2025.
- JORNAL DAS SENHORAS: modas, litteratura, bellas-artes, theatro e crítica. Rio de Janeiro: Typ. Parisiense, 1852-1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>. Acesso em: 20 jul. 2025.

- LOBO, Luiza. Juana Manso: Uma exilada de três pátrias. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-74, jan-jul. 2009. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/27042011-0216108-dossierloboluiza.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- MONTERO, Claudia. Textos híbridos: crônicas de mujeres del fin del siglo (XIX-XX) en la prensa chilena. *Cuadernos de Literatura*, Santiago, v. 23, n. 45, 2019. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cualit/article/view/27728>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 05 ago. 2025.
- RODRÍGUEZ, José Carlos. La Voz del Siglo: Los ecos de Ramona Ferreira. El feminismo de nuestra "belle époque". In: BAREIRO, L.; SOTO, C.; MONTE, M. (orgs.). *Alquimistas*. Documentos para otra historia de las mujeres. Asunción: Centro de Documentación y Estudios (CDE), 1993, p. 417-424. Disponível em: <https://www.cde.org.py/publicacion/alquimistas/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- SAFFIOTI, Heleith I. B. Conceituando o gênero. In: SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação; Coordenadoria Especial da Mulher. *Gênero e educação: caderno de apoio para a educadora e o educador*. São Paulo: SME, 2003. p. 53-58.
- SOTO, Clyde. La rebeldía escrita. In: BAREIRO, L.; SOTO, C.; MONTE, M. (orgs.). *Alquimistas*. Documentos para otra historia de las mujeres. Asunción: Centro de Documentación y Estudios (CDE), 1993, p. 411-416. Disponível em: <https://www.cde.org.py/publicacion/alquimistas/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- SOUTO, Bárbara F. *Mulheres e imprensa no século XIX: projetos feministas no Rio de Janeiro e Buenos Aires*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Luas, 2024.
- SOUTO, Bárbara F. "Trabalhei como uma mulher!": o labor das mulheres impresso nas páginas do Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro, 1852-1855). *Caminhos da História*, v. 30, n. 1, p. 11-37, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/8705>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- TILIO, Rafael de. Teorias de gênero: Principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Gênero*, Niterói, v. 14, n. 2, p. 125-147, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31193>. Acesso em: 02 ago. 2025.
- VIDALES, Carlos. Escritoras y periodistas colombianas en el siglo XIX. *II Coloquio Internacional - Literatura escrita por mujeres en el ámbito hispánico y portugués*, Estocolmo, 11-13 abril, Departamento de Español, Portugués y Estudios Latinoamericanos, Universidad de Estocolmo, en colaboración con la Institución de Lenguas Románicas, Universidad de Lund. Disponível em: https://www.academia.edu/2129866/Escritoras_y_periodistas_colombianas_en_el_Siglo_XIX. Acesso em: 10 ago. 2025.
- VIDARTE ROJAS, Jordani. *Las mujeres ilustradas - Historia de la mujer en el periodismo peruano del S. XIX*. 38 f. Trabalho de Graduação (Disciplina Historia del Periodismo) - Curso de Comunicação Social, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/2129866/Escritoras_y_periodistas_colombianas_en_el_Siglo_XIX.

edu/43996625/Las_mujeres_ilustradas_Historia_de_la_mujer_en_el_periodismo_perua
no_del_S_XIX?email_work_card=title. Acesso em: 07 ago. 2025.

Recebido em: 04/12/2025

Aceito em: 09/05/2026

Re-Unir